

# *Poesias Várias*

## de Bocage

### TRABALHOS DA VIDA HUMANA

*Je suis forcé de m'abaisser  
Pour me faire entendre.*

*VOLTAIRE.*

Se em verso cantava dantes  
O poder da formosura,  
Hoje vou chorar em verso  
Inconstâncias da ventura.

Vou pintar os dissabores  
Que sofre meu coração,  
Desde que lei rigorosa  
Me pôs em dura prisão.

A dez de Agosto, esse dia,  
Dia fatal para mim,  
Teve princípio o meu pranto,  
O meu sossego deu fim.

Do funesto Limoeiro já toco  
Os tristes degraus,  
Por onde sobem e descem  
Igualmente os bons e os maus.

Correm-se das rijas portas  
Os ferrolhos estridentes;  
Feroz condutor me enterra  
No sepulcro dos viventes.

Para a casa dos assentos  
Caminho com pés forçados;  
Ali meu nome se ajunta  
A mil nomes desgraçados.

Para o volume odioso  
Lançando os olhos a medo,  
Vejo pôr – Manuel Maria.  
E logo à *margem* – *Segredo*.

Eis que sou examinado  
Da cabeça até aos pés,  
E vinte dedos me apalpam.  
Quando de mais eram dez.

Tiram-me chapéus gravata,  
Fivelas, e desta sorte.  
Por um guarda sou levado  
Ao domicílio da morte.

Estufa de treze palmos  
Co'uma fresta, que dizia  
Para o lugar ascoroso  
Denominado enxovia.

Fecham-me, fico assombrado  
Na medonha solidão,  
E, sem cama a que me encoste,  
Descanso os membros no chão.

Mil terríveis pensamentos  
Da minha alma se apoderam.  
Gostos e bens deste mundo  
Então conheci o que eram.

Nos olhos o pranto ferve,  
No coração cresce a dor,  
E com males da fortuna  
Se mistura o mal de amor.

Quando mais me lamentava,  
Se abre de improviso a porta,  
E ouço um ânimo benigno,  
Que me alenta e me conforta.

Era Inácio, afável peito,  
Alma cheia de piedade,  
Credor dos meus elogios  
Por herói da Humanidade.

Do amável carcereiro  
Me patenteia o desgosto;  
Diz que piedoso me envia  
Pobre, mas útil encosto.

Junta a este benefício  
A necessária comida,  
Com que sustentasse o fio  
Desta lastimosa vida.

Garnier, terno, sensível,  
Tu foste um núncio divino,  
Que veio tornar mais doce  
O meu penoso destino.

Os amigos inconstantes  
Me tinham desamparado;  
E nas garras da indigência  
Eu gemia atribulado;

Quando Aónio, o caro Aónio,  
Da Natureza tesouro,  
À triste penúria manda  
Eficaz auxílio de oiro.

Enquanto existir Elmano,  
Sempre, ó génio singular,  
Na sua alma e nos seus versos  
Terás honroso lugar.

Passados vinte e dois dias,  
Sofrendo mil mágoas juntas,  
Enfim por um dos meus guardas  
Fui conduzido a perguntas.

O ministro destinado  
Era o respeitável Brito,  
Que logo viu no meu rosto  
Mais um erro que um delito.

Olhou-me com meigo aspecto,  
Com branda, amigável fronte,  
E fui logo acareado  
Com o meu amável Ponte.

Portei-me como quem tinha  
Para a verdade tendência;  
Do peso da opinião  
Aligeirei a inocência.

Puni pelo caro amigo,  
Ferido de interna dor:  
Singular sou na amizade,  
Como singular no amor.

Posto fim ao acto sério,  
O meu guia me conduz  
Para segredo mais largo,  
De que não tem medo a luz.

Fiquei mais desafogado,  
Mas também fiquei mais só,  
E de amargura sentia  
Soltar-se da vida o nó.

Lembrava-me a curta fresta,  
Por onde à presa matula  
Ouvia, de quando em quando,  
Conto vil em frase chula.

Lembrava-me a gritaria  
Que faz a corja a quem passa,  
Loucamente misturando  
O prazer com a desgraça.

Lembrava-me este catando  
Piolho, que d'alvo brilha;  
Aquele a chuchar gostoso  
Cigarro, que ou compra, ou pilha;

Um por baldas, que lhe sabe,  
Ao outro dando matraca;  
Estes cantando folias,  
Aqueles jogando a faca.

Coisas tais, que noutro tempo  
Me fariam ansiedade,  
Eram então para mim  
Estímulos de saudade.

Servindo-me de tormento  
A minha imaginação,  
Em claro passava as noites,  
Passava os dias em vão.

O meu extremoso Inácio  
Benigno me visitava,  
E com suaves conselhos  
A minha pena adoçava.

Qual foi comigo ao princípio,  
Comigo a ser continua:  
Os desgraçados encontram  
Poucas almas como a sua.

Céu, que todas as venturas,  
Todos os bens tens contigo,  
Faze que ser grato eu possa  
Ao meu benéfico amigo;

Ou tantas felicidades  
Te digna, Céu, de lhe dar,  
Quantas as razões que eu tenho  
De todas lhe desejar.

Enfim, depois de sofrer  
Tardas horas de tormento,  
Fui costumando a minha alma  
Ao solitário aposento.

O Deus criador do mundo,  
Pai, amigo universal,  
Com saudável, brando sono  
Foi-me interrompendo o mal.

Deste centro da tristeza,  
Morada das aflições,  
Fiz ao lugar das perguntas  
Inda mais três digressões.

Amo, professo a verdade:  
Nas três digressões que fiz,  
Sempre achei o amável Brito  
Mais benfeitor que juiz.

Tal tem sido a minha sorte  
Nesta dolorosa estância,  
Aonde a filosofia  
Às vezes despe a constância.

Há já quarenta e três dias  
Que choro neste degredo:  
Hei-de ser muito calado,  
Costumaram-me ao *segredo*.

## ENDECHAS

I

### A ARMIA

Já de ilusões não vivo,  
Meu bem, sou desgraçado.  
Nenhum mortal se esquiva  
Do que lhe ordena o Fado.

Em vão com mil sorrisos  
Os cândidos Amores  
Me afagam, me prometem  
Dulcíssimos favores;

Em vão meiga Esperança  
Me diz que em brandos laços  
Hei-de expirar de gosto  
Nos teus mimosos braços.

Suspeita roedora  
Me gasta o frouxo alento,  
De imagens pavorosas  
Me enluta o pensamento;

Murmura na minha alma,  
Onde mil serpes cria;  
Ouço-lhe em surdas vozes:  
«Não lograrás Armia.»

Usa sonhar venturas  
A crédula Esperança;  
Só entre mortas Cinzas  
No túmulo descansa;

As lágrimas nos olhos,  
No peito enfreia os ais;  
Doura cruéis desastres  
A míseros mortais.

Em rápidos momentos  
Aos Deuses me igualou.  
Fantásticas delícias  
Na ideia me traçou.

Mil vezes, doce amada,  
Fingiu ao meu desejo  
Patentes os tesouros

Que recatava o pejo;

Mil vezes (ah!! foi sonho.  
Mas sonho encantador)  
Me fez voar contigo  
À glória, ao céu de Amor.

Ali do térreo manto  
Minha alma solta e nua,  
Filtrando-se em teus lábios,  
Ia agregar-se à tua;

Ali teu brando peito,  
De Amor altar sagrado,  
De acesos pensamentos  
Só visto, só tocado,

À boca melindrosa,  
Leda. suave e pura,  
Suspiros te enviava  
De gosto e de ternura.

Mas eis que a luz se extingue  
Da fúlgida ilusão,  
E escura, horrenda nuvem  
Me abafa o coração.

Tenaz desconfiança,  
Que às fibras se me aferra,  
Garras mortais vibrando,  
Move aos prazeres guerra.

Súbito, abrindo as asas,  
As asas cor de neve,  
Foge de honor a instável  
Turba risonha e leve.

Debalde a companheira  
Fiel dos desgraçados  
Quer suspender o adejo  
Dos júbilos alados.

Por corações tranquilos,  
Soltos das leis de Amor  
Te abrigas, te repartes,  
Ó bando voador!

Nos ais, Armia, entanto  
Minha alma se evapora,  
Vítima lamentável

Da angústia que a devora;

E além do turvo Letes  
Zelos temendo achar,  
Frenética deseja  
Poder-se aniquilar.

Se o racional tivesse  
Do irracional a sorte,  
Se as almas se apagassem  
Ao hálito da morte,

Feliz de um terno escravo,  
Feliz de um triste amante,  
Remindo-se do jugo  
No derradeiro instante!

Mas ai que a turba insana  
Dos mestos amadores  
'Té lá no reino escuro  
Vai suspirar de amores.

Sobre os elísios prados  
Inda a sidónia Dido  
Guarda as fatais memórias  
Do Teucro fementido;

Entre os formosos pomos  
O golpe inda roxeia;  
Inda goteja o sangue,  
Que a neve purpureia.

Também nas margens tuas,  
Ó rio sonolento,  
Sem demandar o abismo  
Do eterno esquecimento,

Carpindo a bela esposa  
(Ah! Que não pode Amor?)  
Arde, suspira o Trácio,  
Misérrimo cantor.

Ali aos olhos da alma  
Lhe retrocede o dia  
Em que aplacara os monstros  
Da região sombria;

Ali no pensamento  
O estígio rei figura;  
Vê-lhe os terríveis olhos.



A torva catadura;

Vê-o fervendo em raiva,  
Troando em ameaços,  
Porque um vivente ousara  
Tocar-lhe os negros paços.

Eis fere a maga lira  
Que infunde o Céu no Inferno:  
De assombros assaltado.  
Cede o tirano eterno;

Acode aos ígneos olhos  
Doce, invencível sono,  
Baqueia o férreo ceptro  
Sobre os degraus do trono.

Até que em si volvendo  
Do súbito letargo,  
Contempla Orfeu saudoso,  
Desfeito em pranto amargo.

Sofrendo um ar benigno  
No carrancudo aspecto,  
Mostra sentir piedade  
Do mavioso objecto.

Co'a fera mão, que firma  
Dos réus a eterna pena,  
Para indagar seus males  
Enfim ao vate acena.

Inquire a causa ignota,  
Pergunta o grão motivo  
De lhe invadir o império,  
De ir aos internos vivo.

Mal que as razões lhe escuta,  
Quebranta a lei da morte,  
Manda que à luz do dia  
Volva a gentil consorte.

Mas ai, que o vingativo,  
Terrífico Plutão  
Une à maior das graças  
Pesada condição!

Nas fêrvidas entranhas  
Feroz despeito oculto  
Quer da amorosa audácia,

Quer despicar o insulto.

«Vai (diz ao triste amante),  
Que um não sei quê me obriga  
A permitir que os passos  
Eurídice te siga;

«Mas nega-lhe teus olhos  
Enquanto profanares  
Co'a temerária planta  
Meus horrorosos lares.

«A cláusula, que imponho.  
Se execução não dás.  
Sem a chorada esposa  
Rever o mundo irás.»

Ah, malfadado! Aceitas  
O rigoroso artigo,  
Mas súbito exp'rimentas  
Um bárbaro castigo.

Pela mordaz saudade  
Roto o cruel preceito,  
Olhas, e vês em sombras  
Teu júbilo desfeito.

Sumindo-se a teus olhos  
A cara esposa vai,  
E a teu inútil grito  
Responde ao longe um ai.

Soltando-se, após ela  
Te voa o coração;  
Para alcançá-la empreendes  
Tudo, mas tudo em vão.

Às ferrolhadas portas  
Do amplo salão ruidoso  
Tornas de novo, e queres  
Entrar-lhe o seio umbroso.

Extrais um som da lira  
Mais tentador, mais terno,  
Mas o divino encanto  
Não move o surdo Inferno.

Destarte a meiga esposa  
Do mísero amador  
Foi por amor ganhada,

Perdida por amor.

Ah, brando Orfeu! Não chores,  
Suprime os ais que lanças,  
Turbado o pensamento  
Com tão cruéis lembranças.

Eu sou mais desgraçado,  
Tu não padeces tanto,  
Tu logras, tu desfrutas  
O prêmio do teu pranto:

Aquela, que soava  
Na tua doce lira,  
Qual suspirava dantes  
Inda por ti suspira;

Eu, miserando objecto  
De dor e de piedade,  
Junto à fatal baliza  
Da triste humanidade,

Queimando o véu dos Fados  
Co'a luz da fantasia,  
Vejo futuros males,  
Vejo traições de Armia.

Dura exp'riência antiga  
No coração me diz  
Que o lacrimoso Elmano  
Jamais será feliz.

Ó domador das feras!  
A doce, a bela ingrata  
Que o laço da existência  
Me solta, me desata,

Eurídice é nas graças;  
Mas na paixão, na fé,  
No afago, nos extremos,  
Eurídice não é.

Votos de amor lhe escuto,  
Mas no benigno rosto  
Um ânimo lhe observo  
Para a traição disposto.

Os bens instáveis preza  
Da lúbrica Ventura,  
E o desvelado Elmano

Não tem senão ternura.

Na mente a cada instante  
Diviso (oh, Céus! Que horror!)  
Volver a ingrata os olhos  
A novo adorador;

Sacrificar excessos  
Aos dons da vária Sorte;  
Sumir-me os tristes dias  
Na escuridão da morte;

E, ainda não contente  
Da enorme aleivosia;  
C'o presunçoso amante  
Pisar-me a campa fria;

Ali, entre seus braços,  
Para o cruel fartar,  
Do extinto Elmano as cinzas  
De imprecações manchar.

Mas trema a desumana  
Se desleal me for,  
Trema, que até na morte  
Terá domínio Amor.

Fará surgir do Averno  
Meus Manes vingadores,  
Para tenor e exemplo  
De corações traidores.

Qual o afanoso Orestes,  
Das Fúrias acossado,  
Sempre terás, ó fera,  
O meu fantasma ao lado;

Como a contínua sombra  
Persegurei teus passos:  
Não folgarás ao menos  
Do meu rival nos braços.

Irei lá no silêncio  
Da erma noite escura  
Turbar-te os deleitosos  
Mistérios da ternura.

Quando (ai de mim!) sentires  
Teu coração tremer,  
Voar tua alma ao cume

Do rápido prazer,

«Perjura! (hei-de gritar-te  
Com pavorosa voz)  
Eu sou Elmano, e venho  
Punir teu crime atroz.»

Verei de horror gelar-se  
Teu ânimo infiel,  
E o néctar de teus gostos,  
Impia, mudar-se em fel;

Teu cúmplice odioso  
Verei, dando um gemido,  
Fugir-te dentre os braços.  
Convulso, espavorido.

Armia, ah, não te exponhas  
Dum Númen ao furor:  
Se as leis de Amor não cumpres,  
Teme o poder de Amor.

## II

### A GRUTA DO CIÚME

Há um cerrado bosque  
Aquém do abismo eterno;  
Vê-se o vapor do Inferno  
Nos ares negrejar;

Ali rebentam, crescem  
Mil plantas venenosas;  
Mil serpes tortuosas  
Ouvem-se ali silvar;

Rochedos escabrosos  
As nuvens ameaçam;  
Rios por eles passam.  
Medrosos de os tocar;

Ali tremula a rama  
Do teixo e do cipreste;  
Fermenta estígia peste,  
Que as almas vem danar;

De infestas, roucas aves  
O bando ali se acoita,  
Que está de moita em moita  
Desastres a agourar;

As asas não meneias,  
Ali, Favónio brando;  
Tufões de quando em quando  
Só se ouvem rebramar;

Ali umas com outras  
As árvores se fecham,  
De sorte que não deixam  
Do dia a luz entrar;

A custo ali respira  
Cercada a Natureza  
De horror e de tristeza,  
Capaz de a sufocar;

Ali sempre aclarado  
Pelo tartáreo lume,  
Jaz do cruel Ciúme  
O temeroso lar.

Na aborrecida entrada  
Vela a mordaz Suspeita,  
Continuamente afeita  
A crer e a recear;

No seio da caverna  
A torpe Inveja escura  
Frenética murmura,  
Venenos a espumar;

Sente-se lá no fundo  
Da estância sinuosa  
Caterva pavorosa  
De monstros ulular;

Num férreo trono em brasa  
Reina o Ciúme horrendo,  
Angústias mil tecendo,  
Para os mortais tragar;

Na mão tem negra taça  
Cheia do fel da morte;  
Com rábido transporte  
Não cessa de arquejar;

Ara fatal ao mundo  
Terror num canto inspira;  
Sulfúrea, ardente pira  
Nela se vê fumar;

Nela milhões de amantes  
Vão por destino infausto  
Ser mísero holocausto,  
As veias esgotar;

Ministro carrancudo  
Frio cutelo amola,  
E as vítimas degola  
Sobre o medonho altar.

Vós deveis crer, humanos,  
Que a descrição que ouvistes  
É de quem foi tão tristes  
Objectos contemplar.

Ah! Sim, já tenho sido  
Pelo tirano alado  
Mil vezes arrastado  
Ao horrído lugar;

E se eu, mortais, não pude  
Como puderam tantos,  
Em sangue, em ais, em prantos  
O espírito soltar,

Foi porque Amor cruento  
Não quis que extinto eu fosse:  
Achou que era mais doce  
Morrer do que penar.



## QUINTILHA

Cansado de dissabores,  
Morre-se aqui sem tristeza;  
Dormir coberto de flores  
No seio da Natureza  
Doura, ó Morte, os teus pavores.

## IMPROVISO

*Na morte de uma sobrinha, falecida em 21 de Março de 1805*

Trocando amargas horas  
Por doce eternidade,  
Gemeu co'a Natureza,  
Folga co'a Divindade.

O que é nos céus contemplo;  
Contemplo o que era, aqui:  
Gemi, porque gemia;  
Rio, porque ela ri.

## MADRIGAIS

### I

#### *Traduzido*

Eu tinha prometido à minha amada  
Constância até morrer; e esta promessa  
Foi na folha de um álamo gravada,  
Mas quebrou-se depressa:  
Ergueu-se um pé de vento,  
Adeus folha, e com ela o juramento!

### II

#### *Original*

Zéfiros, que brinçais co'as tranças belas  
Da minha doce Anália,  
Voai às flores da viçosa Idália,  
Bem que na graça e cor são menos que elas.  
Não é por vós, Favónios, que a frescura  
Trazeis ao níveo seio  
E à face melindrosa em que deliro:  
É só porque receio  
Que de astuto rival, de audaz ternura  
Convosco se disfarce algum suspiro.

## EPITÁFIOS

### I

*Se estiver nos meus fados a próxima extinção de meus dias*

De Elmano eis sobre o mármore sagrado  
A lira em que chorava ou ria amores.  
Ser deles, ser das Musas foi seu fado:  
Honrem-lhe a lira vates e amadores.

### II

Este, com quem se ufana a pedra erguida,  
Ah!... se encantou com sonoras cores...  
Já Bocage não é!... não sois, Amores!...  
Chorai-lhe a morte... e celebrai-lhe a vida.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*